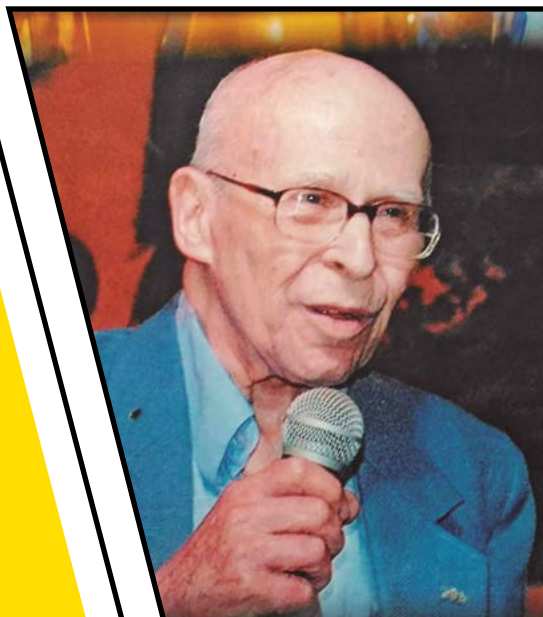


# UMA TRAJETÓRIA LENDÁRIA



**DR. ALFREDO LEVY**

“No final dessa jornada pela vida do meu pai só posso enfatizar o orgulho que eu e toda a família (minha mãe, com quem é casado há 56 anos, seus três filhos e três netos) sentimos do homem e do profissional que ele sempre foi e continua sendo.”

**Isabela Levy**

**Q**uando me pediram para escrever um pouco da história do meu pai, fiquei apreensiva, afinal, quando nasci ele já estava com quase 57 anos! Não presenciei mais da metade de sua vida.

Seria mais simples se ele mesmo escrevesse, mas, infelizmente, aos 94 anos (e duas cirurgias aos 91 com anestesia geral) sua memória não é mais a mesma. Então, resolvi tomar isso como um desafio e uma oportunidade para saber alguns detalhes de sua trajetória.

Nascido no final de 1922, em uma casa na Vila Mariana, bairro da cidade de São Paulo, meu pai é filho único de um casal de judeus alemães naturalizados brasileiros, que imigraram para o Brasil fugindo das dificuldades de uma Europa pós 1ª Guerra Mundial.

Aos três anos, perdeu a mãe por problemas de saúde decorrentes das privações sofridas durante a guerra, e foi, desde então, criado pelo pai e por governantas. Nessa época, já morava na Europa, onde residiu boa parte de sua infância. Lá, foi alfabetizado e aprendeu vários idiomas. Na volta ao Brasil, estudou no Colégio Americano Mackenzie.

Aos 18 anos, ingressou no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo (CPOR), onde se tornou tenente da cavalaria. Esse fato é, sem dúvida, seu maior motivo de orgulho até hoje.

Em 1942 graduou-se na sexta turma de Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), que na época funcionava na Alameda Gleite, na capital paulista. Tornou-se Doutor seis anos mais tarde na mesma universidade.

Meu pai iniciou sua carreira prestando consultoria em diversas áreas da química. Em 1952, ingressou no Instituto Butantã como pesquisador bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atuava no Departamento de Bioquímica e era responsável pelo controle químico da produção do Instituto.

Saindo de lá, foi chefiar o laboratório da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra), hoje incorporada à Bunge Alimentos. No Estado de São Paulo, a empresa produzia óleos e derivados. Além de chefiar o laboratório da capital, também supervisionava as unidades do interior do Estado.

Em 1957, deixou a Sanbra e passou a trabalhar no Instituto Pinheiros de Produtos Terapêuticos, que chegou a responder por 80% do abastecimento nacional de antitoxinas e vacinas. Permaneceu na empresa até 1963, quando começou a atuar em indústrias automobilísticas. Nesse ramo, trabalhou boa parte de sua vida, como chefe de laboratório, ligado principalmente ao tratamento de superfícies. Foi um dos pioneiros em pesquisa e desenvolvimento de produtos anticorrosão para esse segmento.

A primeira empresa em que trabalhou no ramo foi a Willys Overland, fabricante do Jeep. Nessa época, morava na Granja Viana e ia todos os dias para São Bernardo do Campo pela Rodovia Raposo Tavares, ainda com pista simples. Nessa época, também não existiam a Avenida Bandeirantes, nem a marginal Pinheiros. Até hoje pensamos a viagem que era até lá!

Depois vieram a Mercedes Benz e a Ford. Aposentou-se em 1984, quando trabalhava numa empresa fabricante de materiais para fosfatização de óleos.

Durante um bom tempo fez parte da banca examinadora da seleção de alunos para a USP. Ministrou aulas por vários anos e foi orientador de doutorado.

Dedicou também vários anos ao Conselho Regional de Química, entidade em que foi conselheiro e primeiro secretário. Uma de suas principais realizações foi a elaboração do primeiro regimento interno, trabalho executado no final da década de 1950, juntamente com o químico industrial João Pucci e o engenheiro químico Paulo Mathias. O documento norteou as atividades do Conselho até 1994, quando foi reformulado.

Não poderia deixar de lembrar que durante muitos anos foi atuante no Sindicato dos Químicos, Químicos Industriais e Engenheiros Químicos do Estado de São Paulo (SINQUISP).

Até o ano passado prestou serviços à Associação Brasileira de Tratamentos de Superfície (ABTS), entidade da qual recebeu o título de sócio-honorário. Ali, ocupou o cargo de 1º Secretário de 1982 a 2009 e foi Diretor-Secretário de 2010 a 2012, integrando sucessivas gestões da diretoria. Em 2013, já aos 90 anos, decidiu aposentar-se da mesa diretora da ABTS e, mesmo sem se candidatar, recebeu um voto. Como forma de homenageá-lo, a instituição concede anualmente a “Bolsa de Estudos Alfredo Levy”, que garante ao estudante contemplado o pagamento integral de mensalidades e taxas de um curso de Química ou de Engenharia Química nas Faculdades Oswaldo Cruz.

Sempre foi um leitor compulsivo. Assinava diversas publicações internacionais e não deixava passar nem rótulos de produtos. Muito solícito e disposto a ajudar, a simpatia sempre foi sua marca registrada.

Após a aposentadoria, começou a trabalhar com tradução de textos técnicos do inglês e alemão para o português. Dava também consultoria para algumas empresas do ramo químico, principalmente na área de normas técnicas. Seu último trabalho foi como revisor da revista Química e Derivados.

No final dessa jornada pela vida do meu pai só posso enfatizar o orgulho que eu e toda a família (minha mãe, com quem é casado há 56 anos, seus três filhos e três netos) sentimos do homem e do profissional que ele sempre foi e continua sendo. 🌱